A DIALÉTICA DO TRÁGICO

Dante Gatto (UNEMAT)

Resumo: este trabalho busca pensar a dialética do trágico, tomando como princípio a contraditória natureza humana que não se reduz a uma lógica maniqueísta ou positivista. George Lukács (1865-1971), Miguel de Unamuno (1864-1936) e Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900) constituem-se na fundamentação teórica principal. Respectivamente: *Teoria do Romance*, *Do Sentimento Trágico da Vida* e *Genealogia da Moral*. Resumidamente: o trágico nasceu da religião e a religião nasceu da solidão. A solidão de Deus, por conta da perda do paraíso. Pode-se pensar em termos de tese, antítese e síntese: *solidão*, *convívio*, *problemas*. O processo é cíclico. A tensão está na contradição básica da nossa natureza irracional e a precisão da racionalidade, por conta da nossa natureza gregária, até o paroxismo do racionalismo burguês. Esta disposição também suscita um movimento dialético de negação e aproveitamento: *mito*, *razão*, *racionalismo*. Se as tragédias gregas se sustentaram no conflito entre *moira* e *ananké*, se o livre-arbítrio amparou a construção da nossa civilização, a pós-modernidade parece significar um retorno da nossa submissão ao destino.

Palavras-chave: Trágico. Dialética. Solidão. Religião. Irracionalismo.

É inevitável pensar no trágico como o é pensar na vida, mas é também assustador: o inevitável que tentamos escamotear. E falar sobre o trágico é sempre um desafio, uma vez que não conseguimos ser incisivos, porque se trata de situação desconfortável e contraditória. Vou dar um exemplo vivenciado no mundo acadêmico: em certa circunstância, numa banca de qualificação, fiquei constrangido com o tom grosseiro e agressivo que um dos avaliadores se referiu ao trabalho e à apresentadora. Tentei consolá-la, terminada a sessão, quando ouvi dela a mais lídima verdade. Disse-me: "o fato, é que ele não precisava nem devia dizer o que disse, mas eu precisava ouvir". É verdade. Precisamos ouvir muita coisa e, por vezes, não há ninguém que nos diga e quando dizem fica o sentimento de desconforto. O trágico é assim também. Traz desconforto de um tipo inconfessável, porque vem acompanhado de sutilezas psicológicas. São aqueles momentos que você dá tudo para não estar ali, naquele lugar e hora em que não dizer é trágico e dizer também o é.

O fato é que o trágico não nos deixa saída ao mesmo tempo em que procuramos uma qualquer que seja, mas sem formalizar tal procura, tamanho o constrangimento. E, no fundo, trata-se de um constrangimento por estar vivo e, portanto, traímo-nos ao pensar na vida. Vou explicar de outra forma o que quero dizer. Ao primeiro impulso do pensamento caímos na ironia do constrangimento, afinal, tudo é trágico, todas as nossas iniciativas em relação à vida vão bater na nossa *condição* trágica. Talvez seja melhor dizer: nossa *natureza* trágica.

Unamuno (2013) foi preciso ao identificar um *sentimento trágico da vida*. É isto: o sentimento, e não a razão, é o grande diferencial do homem em relação aos demais animais.

Em que circunstância se apresentou condições propícias ao surgimento do trágico? Talvez seja este ponto mais significativo para darmos início às reflexões que propomos aqui. O trágico nasceu da solidão. Georg Lukács (2009) argumenta em termos de essência: a essência do trágico é a solidão. É claro que qualquer pessoa pode entender, e isto se entende sentindo, a tragédia da solidão. Ora, como os demais animais, gregários, compreendemo-nos em sociedade, ansiamos pelo reconhecimento da comunidade. Não me basta estudar o trágico, mas preciso escrever e isto não é apenas uma obrigação profissional e científica, mas traz uma forte carga de obrigação para comigo mesmo. Há, pois, um problema que suscita o trágico: a necessidade do *convívio* ao qual devemos estar equipado para a viagem ("dificílima dangerosíssima viagem"), como se referiu Carlos Drummond de Andrade (1978, p.450), descobrindo as nossas "próprias e inexploradas entranhas".

O que quero dizer, lembrando novamente o desconforto do trágico? O medo de andar *para dentro* nós leva à fuga de nós mesmos ao andar *para fora*. Está nisto até uma predestinação. Como, por vezes, desgastamo-nos na labuta diária, ou nos relacionamento frugais, para evitar olhar para nós mesmo, pisar no solo do nosso coração, lembrando novamente Drummond (1978, p.450). Ora, o constrangimento, o desconforto. Precisamos de máscaras.

A máscara é um dos inventos mais antigos da Humanidade, presente já na cultura paleolítica e se constitui, antes de tudo, um sintoma da clareza que o homem teve, desde sempre, da sua impotência. Parece contraditório, mas "a consciência de sua própria relatividade é no homem inseparável da consciência postuladora do absoluto". (ORTEGA Y GASSET, 1978, p.86). Trazemos em nós o veemente afã de querer participar dessa *outra* superior realidade, conseguir trazê-la para a nossa realidade carente e limitada, fazer com que o onipotente colabore em nossa nativa impotência.

Conviver não é fácil. Infinitas vezes deparamo-nos com a expressão *arte de conviver*. Sim. E voltamos àquela situação que apontei anteriormente: aquilo que devo dizer e não digo ou quando digo peco. Ora, como dizer sem pecado? Eis que caímos no labor artístico. Por vezes, apesar de toda boa vontade a situação se apresenta trágica na medida em que apesar da enorme boa vontade e respeito ao outro o *erro* se insinua, a *falha trágica* que agora cabe também na esfera psicológica. Este *mal*, por fim, será uma

forma exemplar de acerto, mas é doloroso. E retomamos a questão inicial em que auferimos que tudo é trágico.

Foi com o convívio que surgiram os problemas, lembrando mais uma vez. É bem nesse ponto que está o cerne da nossa natureza trágica. E cabe aqui iluminar um primeiro ponto da dialética do trágico: *solidão*, *convívio*, *problemas*. Ora, não queremos a solidão; o convívio é, pois, necessário enquanto saída e sobram os problemas da relação antitética, de tal forma que por vezes ansiamos o retorno à solidão. O processo é cíclico. Toda forma de convívio é essencialmente trágica. Conversei recentemente com uma jovem que ao ser questionada pelo fim de um relacionamento amoroso identificou, enquanto problema, a completa aceitação do parceiro. Ela disse: "ele só pensa em me agradar". O problema estava em não haver problemas.

Em que circunstância sócio-política e histórica nasceu a tragédia? Foi justamente no momento que o irracionalismo foi contestado, na sua configuração mítica. O mundo já era complexo por demais e se fazia preciso criar regras para o convívio coletivo. E criaram-se lá na Grécia a cidadania e a democracia. A democracia implica inserção a qual é imprescindível participação, e a cidadania acaba alimentando a máquina democrática para a transformação por meio dessa participação. O convívio. E as palavras surgiram com força enorme nessas relações. As coisas, os homens e a vida, não se faziam mais naturalmente por uma verdade mítica, mas prescindiam de explicações fundamentadas numa razão, pesada por direitos e obrigações, que tinha já subjacente certos paradigmas: notadamente, o bem. Era preciso reconhecer o outro mesmo nas suas inaceitáveis fraquezas. Ser bom passou a significar fazer o bem. Sabemos que nem sempre foi assim como Nietzsche (1987) explica na *Genealogia da Moral*. Sócrates representou exemplarmente esse momento em termo de filosofia. Ser bom, antes dele trazia uma individualidade aristocrática. Ser bom era afirmação da felicidade pela força, pela plenitude de vida, bem como cabia ao ruim não necessariamente fraqueza, mas a triste condição da infelicidade. Ao processo coube *utilidade*, *esquecimento*, *hábito* e, por fim, *erro*. Ocorreu que o ressentimento dos fracos se tornou criador e produziu valores e o ódio encontrou compensação numa vingança imaginária, na ideia cristã de céu e inferno. Ora, a moral aristocrática constituía-se na *afirmação da vida*, mas a moral dos escravos inverteu o golpe afirmador e opôs de início um *não* a tudo que não lhe era útil. Este *não* passou a ser o ato criador. Um mundo exterior criado por conveniência converteu-se no ponto de partida dos valores, e não o mundo interior, a *ação* tornou-se

reação, os instintos – supremo dom da vida na perspectiva nietzschiana – foram identificados como doença e perdemos o contato com nossa essência.

Os paradigmas do cristianismo foram lentamente alicerçados por tal postura, uma moral do ressentimento, em que se abrigava, também, um sentido de aproveitamento na composição produção, mão de obra e consumo, inerentes ao capitalismo, resumindo aqui brutalmente uma complexa situação.

Da maldade, erigida ao pedestal de valor em primeira instância, surgiu a necessária bondade, transfigurada no perdão. O cristão absorveu o fenômeno com o consolo da vingança transcendental do inferno aos que não se redimissem do mal e, por fim, como sustentação de tudo, fez-se necessária a *bondade* de Deus. Isto foi muito oportuno, "porque é efetivamente a essência do cristianismo que encontramos no projeto político, na concepção econômica da existência, ou na busca de segurança proposta pelas diversas instituições sociais". (MAFFESOLI, 2000, p. 28).

Em parágrafo anterior, anunciamos dois temas: a irracionalidade e as condições do surgimento da tragédia. O que os dramaturgos gregos, por fim, exploravam? O choque da *diké* mítica e a *diké* racional. No processo estava a *moira* (destino) que é contestada pela *ananké* (necessidade), que vai bater na índole particular do herói, entre *ethos* e *daimon* ou da sua combinação como alguns preferem. De qualquer forma, o herói era portador da desmedida, do desequilíbrio (*hybris*) que o fazia bem diferente das perspectivas cristãs que se anunciavam. Estava feito, pois, o desacerto. O herói, enquanto cidadão se pautava em outros paradigmas uma vez que deveria prestar conta à coletividade, as leis da *polis* e não mais aos deuses. A ideia do livre-arbítrio ganhou significação nesse processo.

Talvez tenha sido o positivismo o maior erro humano no sentido de negar a irracionalidade. Entre os males do positivismo, defende Unamuno (2013, p. 25) está em ter tornado fatos apenas fragmentos de fatos. Contra os valores afetivos não valem as razões. Não há verdade nas razões. "Quantas vezes não cabe dizer: para pensar com tu só é preciso não ter nada além de inteligência!" (UNAMUNO, 2013, p. 29).

Da solidão, essência do trágico, nasceu as religiões. Se se pode falar de trágico sem falar de tragédia, não podemos *não* falar de religião. Em princípio, em tempos afortunados, como argumenta Lukács (2009), não havia o medo de perder-se, porque não havia mesmo, ainda, a possibilidade da perda. Descobrimos o sentido da perda por conta da nostalgia do paraíso que a produtividade do espírito construiu. A religião nasceu de tal perda. A solidão de Deus. E como era diferente do cristianismo a religião

mítica dos gregos: festa, dança, música, máscara, embriaguez e orgia faziam parte do culto a Dioniso. Prerrogativas racionais, no entanto, mataram esse lado festival da religião que foi substituído por uma relação pessoal com o deus único.

Da razão clássica avançamos para o racionalismo burguês. Quando inventamos a religião, enquanto maneira de retorno a Deus, já trazíamos nostalgia do espírito de coletividade, de um tempo em que havia comunhão, mesmo conflituosa, entre homem e natureza, coletividade e Deus, mas perdemos isto, por que fomos, digamos assim, condenados à individualidade solitária. O Renascimento recrudesceu tal realidade e as revoluções burguesas do século XVIII levaram-na ao paroxismo. Ora, castigo de Deus ou dos deuses, a coletividade se fez outra, tomada pelo racionalismo do capital em que a situação se torna mais contraditória. Queremos dizer que se a razão absorve o sentimento, por vezes, tensamente, o que configura a nossa condição trágica, o racionalismo tenta negar o sentimento em nome de valores pragmáticos da sociedade voltada para a produção, o consumo e o lucro.

Na perspectiva kantiana, cabe lembrar, razão é a faculdade das ideias, que, como postulado, ultrapassa o conhecimento conceitual e científico, uma vez que acolhe elementos de ordem sensível. Racionalismo seria, pois, a razão eclipsada, atacada do pragmatismo que imprimimos à vida. Ora, temos mais uma disposição dialética para a problemática do trágico: *mito, razão, racionalismo*.

Cabe introduzir o arquétipo nesta dialética. Conforme refletimos em trabalho anterior: da individualidade como resultado para a sobrevivência e calcinada pela convivência, construímos individualidade pressionada por forças arquetípicas, isto é, a nossa individualidade que anseia pelo espírito de comunidade tão confortável, que foi perdido se depara, agora, com a nova comunidade, reconstrução da primeira, mas tomada pelo racionalismo, muito diferente da razão clássica. E alimentamos a própria máquina que nos escraviza o que insere mais lenha na fogueira do trágico. (GATTO; RODRIGUES; SILVA, 2015).

A pós-modernidade implicou uma mudança radical, principalmente no que concerne a uma perspectiva de futuro. Esta na base disso a desilusão da modernidade por conta do fim das utopias, principalmente as promessas do socialismo real. O resultado disso é que o *presente* ganhou em significação e as particularidades se fizeram mais relevantes que a universalidade abstrata, e os paradigmas hegemônicos acabaram sendo contestados. Sob esse clima surgiu, por exemplo, o Mercosul e o Brasil se uniu, também, a outros países (Rússia, China e África do Sul) que não fazem parte do

Eurocentrismo que, inclusive, abarca os Estados Unidos. Instalou-se um clima generalizado de solidariedade pelos mais fracos e as minorias. Deu-se vez a investimentos no espaço local e a vida comunitária. Apesar da aparente uniformização do mundo ("globalização", "mundialização") o que assistimos é uma multiplicidade de atividades, de mestiçagens, de sincretismos musicais, filosóficos, religiosos. Resulta disto, dentre infinitas sinergias, o mimetismo tribal conjugado às realizações pessoais.

A vida se apresenta em sua diversidade e conquista a preocupação dos estudos culturais e todas as instituições voltadas à vida social. Aliás, no pacote das preocupações estão as *identidades* antes atiradas a sua própria solidão e as *diferenças*, alteridades, antes disfarçadas pela suposta necessidade de instaurar uma unidade que vagamente chamamos de universal. A inclusão passou a fazer parte da pauta do dia e as minorias conquistaram espaço de participação como nunca antes: os índios, os negros, a comunidade LGBT foi reconhecida e conseguiram direitos importantes como a união homoafetiva, e o próprio conceito de família tradicional que não implica mais o conjunto pai, mãe e filhos. Foram infinitas as transformações, assustadoras até, e saudáveis em se pensando na *inclusão*.

No Brasil, a preocupação social deu origem a numerosas medidas, inclusive, numa preocupação de compensação por injustiças sociais e históricas como as cotas para negros nas universidades e mesmo bolsas que tentaram redimir o alijamento imposto pelo neoliberalismo. A mulher, a maior das minorias avançou em termos de conquistas de um espaço de igualdade e fizemos uma mulher presidente (ou presidenta, que seja). O clima era propício.

O mundo ficou mais acolhedor, mais diversificado, mais democrático, mais humano, mais colorido. Mas se multiplicaram, também, no movimento dialético, os descontentes, renitentes às mudanças, preservadores dos valores tradicionais e das rígidas instituições já sacramentadas, inclusive as religiões, principalmente as de matriz evangélica. O fenômeno parece mundial, tendo em vista que o presidente negro estadunidense foi substituído por um radical de direita misógino e xenófobo.

Interessante é a forte polarização política que se apresenta na atualidade brasileira em que ambas as partes do conflito (direita e esquerda, que seja), tragicamente, não cedem terreno, fecham-se, por vezes, à realidade dos fatos, procurando justificativa ao seu posicionamento. Sempre foi assim? Se o trágico nasceu do choque do destino e da necessidade, talvez, agora, dialeticamente, a força arquetípica do mito reduza tudo finalmente ao destino: o homem estaria reduzido a um contexto que

o determina e predestinado a ser isto ou aquilo? Por vezes, até eu mesmo penso que não dei chance a experiência, mas já nasci de esquerda, já nasci afeito a utopia comunista e adverso às religiões.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond. **Nova reunião: 19 livros de poesia.** 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GATTO, Dante; RODRIGUES, Demilson Moreira; SILVA, Patrícia Almeida da. A construção do trágico. **Revista Alere**. Ano 08, Vol. 12, N. 02, dez. 2015.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance**: um ensaio histórico-filosófico. 2. ed. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades, 2009.

MAFFESOLI, Michel. **O eterno instante**: o Retorno do Trágico nas sociedades Pós-Modernas. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

NIETZSCHE, F. W. **Genealogia da moral**. Tradução de Paulo Cesar Souza. São Paulo: Brasiliense, 1987.

ORTEGA Y GASSET, José. **A ideia do Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

UNAMUNO, Miguel. **Do sentimento trágico da vida**. São Paulo: Hedra, 2013.